



Opinião



Rui Patrício

Ponte de Sor 'à la minute'

Este pequeno texto é e não é sobre o caso “Ponte de Sor e os filhos do embaixador do Iraque”. Não é sobre ele, desde logo porque não sei o que se passou e não me deixo embalar pelas reportagens em jeito de reality show que enxameiam as televisões nem pelas parangonas dramáticas dos jornais, que aliás mudam a cada dia, consoante o vento da desinformação sopra de um lado ou de outro. A única coisa que julgo que sei é que um rapaz está no hospital em estado grave e faço votos de que melhore. Isso é o principal. E o resto não sabemos ainda bem como foi, e só temos um cenário com uns toques de folclore de verão, como convém ao nosso dramatismo informativo das crónicas judiciárias, de mais a mais no tempo quente do defeso. Uma zaragata com consequências sérias e um toquezinho mal disfarçado de xenofobia vinham mesmo a calhar na pasmeira noticiosa do verão.

E vinham também mesmo a calhar para o charivari das opiniões e dos debates, e é principalmente a esse respeito que este texto vem. Este caso repete o que já aconteceu tantas vezes no nosso passado recente: uma discussão inflamada (quando não histórica), muitas vezes superficial, sempre apressada e tendencialmente redutora sobre coisas complexas. Coisas que não se decidem em duas penadas e à mesa do café, e nunca a propósito de casos concretos recentes e causadores de emoções várias e vivas. No passado foi, por exemplo, o que aconteceu com o segredo de justiça, com a validade das anteriores declarações do arguido no julgamento, com as penas deste ou daquele crime, et cetera, et cetera. Agora, trata-se da imunidade diplomática.

É ver o arrazoado de opiniões – muitas delas rápidas, sentenciosas e estrepitosas como fogo de artifício – sobre uma coisa que não é nada simples, seja porque teoricamente é complexa, seja porque na prática representa delicados equilíbrios internacionais e tem todo um peso histórico que não aconselha a sua submissão a sentenças de notícias e debates das oito da noite, de caixa de opiniões na net ou de primeira página de jornal de mesa de café. A imunidade diplomática não é assim uma coisa de ontem, simplezinha, que se arrume com duas palavras. E não é uma coisa nossa, tendo um horizonte que vai muitíssimo para lá de Ponte de Sor. E o que mete mais dó – e seria hilariante se não fosse triste – nem são as opiniões sabichonas de pessoas que até à semana passada não sabiam o que era a Convenção de Viena, ou as opiniões de pessoas que sabiam o que ela era e têm obrigação de saber outras coisas, mas que não resistem à frasezinha simplificadora ou simplória que fica bem para citação estival. O que mete mesmo dó é pensar que, se dependesse de nós, amanhã a Convenção de Viena já estava alterada, com um projeto feito depressinha, entre o momento do desligar do televisor e o da abertura das bancas dos jornais, e com muita emoção. Mesmo muita, que é, claro está, o que mais convém para legislar e fazer convenções internacionais. ■■

O que mete mesmo dó é pensar que, se dependesse de nós, amanhã a Convenção de Viena já estava alterada, com um projeto feito depressinha